

2 O quarto Infantil

A prática de reformar ou remobiliar os interiores residenciais, por fazer parte de um campo de produção e consumo de bens, produz impactos negativos ao ambiente, pois contribui para a exploração dos recursos da Terra e com produção de lixo ao final do ciclo de vida do projeto ou de seus produtos. Dentre os cômodos da casa, identifica-se que aquele destinado ao bebê e à criança passa por significativas modificações de mobiliário, *layout* e projeto, quando comparado a outros compartimentos. A criança se desenvolve e o quarto, quase invariavelmente, acompanha esta evolução. Reconhece-se, portanto, os projetos de design de quartos infantis como ainda mais impactantes pelo agravante de serem projetos temporários.

No entanto, esta temporariedade dos quartos infantis é fruto da própria construção do conceito de uma infância ocidental burguesa. E o design fortalece esta concepção através de seus projetos cada vez mais especializados e específicos. Logo, para compreendermos melhor a forma como compomos o quarto do bebê e da criança hoje, devemos considerar o contexto cultural no qual está inserido.

Em busca desse entendimento, este capítulo se propõe a apresentar os aspectos sociais e históricos que envolvem o quarto infantil, na atualidade, a partir de levantamento da oferta de mercado existente, associando-o à literatura sobre o desenvolvimento infantil e sobre a história e o design do mobiliário infantil.

2.1 A ideia do quarto infantil

A existência de um quarto especialmente dedicado ao bebê e à criança, nos dias atuais, se deve, dentre outros aspectos, à construção histórica da própria ideia de infância e seus desdobramentos na sociedade em que se insere.

O conceito de infância, tal qual o conhecemos hoje, nem sempre existiu. O historiador francês Philippe Ariès (1914 - 1984), em pesquisa sobre a história social da criança, mostra que a ideia de infância atual é uma construção social e histórica

do ocidente. As pesquisas antropológicas de Clarice Cohn (2010) e Margaret Mead (1928) revelam como o conceito de infância é diverso em diferentes contextos culturais. Ariès (2016) identifica a construção de um “sentimento de infância”, ao longo da história europeia, que vai gerar uma ruptura entre o universo experimental da criança e o do adulto. Este sentimento, para o autor, não significa, necessariamente, afeição pelas crianças, mas sim uma consciência das particularidades que as distinguem do adulto. Um tipo de consciência que, segundo o autor, não existia anteriormente. O autor, por meio de pesquisa iconográfica, identifica, nas imagens feitas de crianças nos séculos XI ao XIII, um descompromisso com a realidade anatômica de seus corpos. Eram representadas como miniaturas de adultos, o que o fez pensar que estas transposições estéticas não ocorriam pela falta de uma habilidade artística, mas por que “a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida” (ARIÈS, 2016, p.18). A alta mortalidade infantil, tinha como consequência a indiferença em relação aos bebês e crianças menores, “as pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual” (ARIÈS, 2016, p.22).

À medida que a criança sobrevivia e passava a viver sem a dependência da mãe ou ama, ela se inseria diretamente no contexto de vida adulto, participando igualmente de todas as atividades sociais. As pesquisas, realizadas pelo autor, indicam que a "descoberta da infância" (ARIÈS, 2016) começa por volta do século XIII e evolui, se tornando mais significativa, nos séculos XVI e XVII. O autor identifica, neste momento, dois sentimentos de infância: o primeiro que ele chamou de “paparicação” e o outro, em oposição, seria um sentimento de “exasperação”, uma aversão a uma atitude de mimo exagerado às crianças pequenas - e que evidencia a própria existência do primeiro. Em torno do século XVIII, a criança assume um lugar central dentro da família. Surgem, a partir de então, preocupações com a educação moral e posteriormente com higiene e saúde da criança. Imposições religiosas, eventualmente, podem ter modificado um comportamento que era muito comum, que era o costume de se colocar o bebê para dormir juntamente com os adultos. A diminuição da mortalidade infantil observada no século XVIII, pode não ter relação somente com questões médicas e higiênicas, mas havia anteriormente um fenômeno importante, o infanticídio tolerado, que, segundo Ariès (2016),

Não era uma prática aceita (...), era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo, correntemente, talvez, camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las. (ARIÈS, 2016, p. XV)

Flandrin (*apud* Ariès, 2016), diz que, no século XVIII, a morte de crianças teve um decréscimo, uma vez que, como diz Pe. Gy (*apud* Ariès, 2016), os bispos proibiram que as crianças fossem colocadas para dormir na cama dos pais, onde poderiam morrer asfixiadas.

O processo de escolarização sedimentou esta separação que manteve a distância entre crianças e adultos.

Esta consciência da infância contribuiu para a evolução dos diversos campos do conhecimento que desenvolveram estudos com foco na criança, tais como: a psicanálise, a psicologia do desenvolvimento infantil, a pedagogia, a antropologia da criança, a pediatria e, mais tarde, a psicomotricidade.

No entanto, antes de se desenvolverem estudos mais aprofundados sobre a infância, há evidências de uma divisão da vida em fases, que remontam a tempos mais remotos. Segundo Ariès (2016), um afresco árabe do século VIII, representava doze idades da vida, e mais tarde textos da idade média, relacionavam as sete fases da vida aos planetas. No século XVII, essas especulações de caráter místico começaram a ser substituídas por uma nova perspectiva científica sobre a natureza humana, e que se tornaram questões fundamentais para o estudo do desenvolvimento humano (PAPALIA *et al.*, 2006).

As teorias desenvolvimentistas elaboradas por grandes psicólogos infantis, tais como Jean Piaget (1896-1980) e Erik Erikson (1902-1994), reconheceram fases do desenvolvimento da criança moldadas por forças biológicas e ambientais e descreveram observações sobre mudanças cognitivas e motoras. As pesquisas de Piaget, que era também biólogo e epistemólogo, formaram a base da compreensão contemporânea sobre o desenvolvimento infantil. Em sua teoria, a epistemologia genética, Piaget (1973) postula que a construção do conhecimento é progressiva e resulta de interações produzidas na zona de contato entre o meio interno (estruturas internas do sujeito e o próprio corpo) e o meio externo (objetos, ambiente). Porém, inicialmente, não existe nem sujeito, nem objeto, como os concebemos, o "problema inicial do conhecimento será pois o de elaborar tais mediadores" (PIAGET, 1973, p.14). O autor propõe que o desenvolvimento intelectual do

indivíduo ocorre em períodos sucessivos. Existiriam, então, quatro períodos do desenvolvimento cognitivo: o sensório-motor, que acontece nos primeiros dois anos de vida; o pré-operatório, que vai dos dois aos sete anos de idade; o operatório concreto, que vai dos sete aos onze anos; e, por último, o operatório formal, que começa a se constituir por volta dos 11 a 12 doze anos de idade em diante. De acordo com a teoria de Piaget (1973), ao longo dessas fases, a criança vai gradativamente desenvolvendo a sua cognição em direção a um pensamento cada vez mais complexo e abstrato.

Quando Maria Montessori (1870-1952), médica e pedagoga italiana, desenvolveu seu método pedagógico, o campo da psicologia já reconhecia a existência de diferentes tipos de psique e tipos de mente em períodos diferentes da vida. A autora diz que, para cada período, há uma correspondência no desenvolvimento do corpo físico. Similarmente a Piaget, a autora afirma haver um primeiro período, de grandes transformações no indivíduo, que vai do nascimento aos seis anos, e que se subdivide em duas subfases distintas: de zero a três anos e de três aos seis anos (MONTESSORI, 2016).

Montessori (2016) vai dar grande atenção a esse primeiro período de desenvolvimento, que ela chama de período da mente absorvente, e explica a importância do desenvolvimento do corpo e mente em conjunto, por meio de experiência prática e individual da criança. No momento em que outras teorias focavam e valorizavam o desenvolvimento cognitivo apenas por meio da audição, leitura e escrita, a autora chama a atenção para a importância da relação do corpo com seu espaço físico nessa primeira fase de desenvolvimento.

Em consequência, Maria Montessori (1912) desenvolve um sistema de educação alternativo ao vigente da época, cujo método tem aplicação direta no ambiente físico ocupado pela criança e no desenvolvimento de mobiliário adaptado e acessível a ela.

Atualmente, nas sociedades ocidentais, tem sido geralmente aceita a divisão do desenvolvimento humano em 8 períodos, dentre os quais os três períodos referentes ao desenvolvimento infantil são reconhecidos como: 1ª infância (0 a 3 anos), 2ª infância (3 a 6 anos) e 3ª infância (6 a 11 anos). Estes períodos são diferenciados de acordo com mudanças esperadas, para cada etapa, para os três principais aspectos do desenvolvimento: o físico (crescimento), o cognitivo e o psicossocial (PAPALIA *et al.*, 2006). Estes aspectos do desenvolvimento, no

entanto, como já haviam observado Montessori e Piaget, se influenciam mutuamente.

Segundo Papalia *et al.* (2006, p.61), "o estudo do desenvolvimento humano procura descrever, explicar, prever e modificar o comportamento".

A compreensão do conceito de infância e as teorias acerca do desenvolvimento e crescimento infantil, não só contribuíram para entendermos as disponibilidades da criança para interagir com o mundo exterior e seus objetos em cada etapa, mas também para entender, no presente estudo, como acabaram por influenciar a própria produção material do quarto infantil.

Historiador do design, o inglês Adrian Forty (2007), concorda com Ariès quando este situa as principais mudanças do olhar sobre a criança nos séculos XVI e XVII, e acrescenta que a ideia de infância como condição não só de debilidade, mas de inocência e virtudes, não parou de se desenvolver, culminando na crença da ingenuidade e "bondade absoluta" da infância em fins do século XIX. Forty (2007) nos conta que, a partir de então, uma forma de se enfatizar este estado privilegiado da criança, e suas diferenças em relação à idade adulta, foi através da diferenciação de suas vestimentas. Esta mesma diferenciação se expressou, também, no mobiliário que começou a ser produzido especialmente para a criança.

O desenvolvimento de móveis infantis, ao final do século XIX e início do XX, é marcado pela influência de arquitetos e designers icônicos. Inicialmente eram versões miniaturizadas do que já existia para o adulto, como ilustrado abaixo nos móveis de Michael Thonet e Marcel Breuer (figuras 1a e 1b).

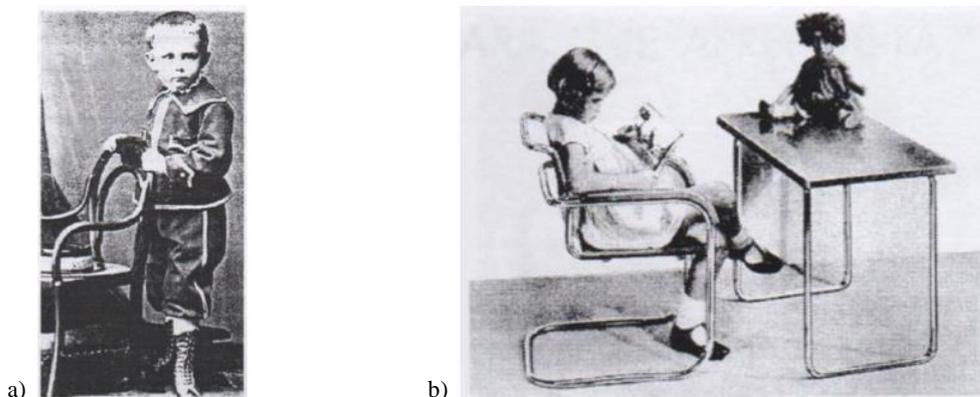


Figura 1: a) Adolf Loos e sua cadeira Thonet, em 1874. b) Cadeira e mesa infantil de Marcel Breuer, 1930. Fonte: Bosoni (1994) *apud* Paschoarelli (1998).

De acordo com Forty (2007), alguns móveis foram se especializando com o

intuito de preencher, o que se julgava ser necessidades específicas das crianças. Um importante ponto colocado pelo autor é o de que o design pode “expressar pressupostos sobre a natureza da infância”. Como exemplo ele afirma que:

A louça e a mobília, destinadas às crianças de classe média, que a indústria começou a produzir em quantidade no final do século XIX, eram pintadas em tons pastel ou decoradas com imagens de animais ou cenas de canções infantis. (FORTY, 2007, p.96)

No entanto, o desejo por estes artigos com uma estética infantil, não eram necessidades percebidas por crianças, mas sim pelos adultos. Há evidências de que brinquedos, berços e caminhas com grade começaram a ser produzidos comercialmente, na Europa, no final do século XVIII. Forty (2007) atribui esse desenvolvimento de artigos específicos às, já aceitas, noções desta distinção entre infância e fase adulta.

Quanto mais as pessoas se convenciam da inocência e virtude da infância, – qualidades que de maneira alguma são naturalmente evidentes nas crianças – mais confiantes se tornavam nos sinais físicos exteriores para corroborar suas crenças; daí, por exemplo, a escolha de animais tais como coelhos e ouriços para distinguir os utensílios infantis. (FORTY, 2007, p. 100)

Enquanto se percebe esta diferenciação como oportunidade de expansão de mercado para o público infantil, simultaneamente, as teorias sobre o desenvolvimento infantil fundamentaram este olhar diferenciado para as crianças. As pesquisas geraram prescrições para o campo da educação e da pediatria, que tiveram impacto na adequação do mobiliário ao desenvolvimento físico, social, emocional e psicológico da criança. As pesquisas pedagógicas, por exemplo, foram importantes para se pensar o espaço e o mobiliário escolar. Neste campo há diversos estudos e aplicações até os dias atuais. Muitas características do método de Montessori, por exemplo, foram incorporadas não apenas às escolas montessorianas, mas aos ambientes de educação infantil de forma geral. Como o método montessoriano envolve uma concepção do entorno da criança, que lhe possibilite um desenvolvimento autônomo e independente, dentro de certos limites, é natural que ele fosse explorado em outros ambientes ocupados por crianças, e não somente o educacional. Assim, houve, por outros autores, tais como Sterling (2016) e Palmarola (2018), a apropriação de seu método e de suas sugestões para, também, adaptar o ambiente residencial e seu mobiliário à criança.

Montessori (1912) recomendava que o mobiliário fosse leve e flexível, para que a criança pudesse manuseá-lo e carregá-lo, e com isso fazer composições à sua maneira. Seus pertences e objetos de uso deveriam estar a seu alcance, dispostos em prateleiras, gavetas e portas baixas (MONTESSORI, 1912, p.82). A autora sugeria que a cama também estivesse acessível, desde muito cedo, a partir mesmo dos 6 meses de idade, momento em que a criança começa a sentar e a explorar o espaço, conferindo-lhe liberdade e autonomia para entrar e sair da cama sozinha.

Antoni Gaudí (1852-1926) é mais uma referência em projetos de equipamentos escolares. O arquiteto desenvolveu, em 1909, o mobiliário infantil escolar para a escola da Sagrada Família em Barcelona, o qual se adaptava aos conceitos de antropometria do usuário criança (PASCHOARELLI, 1998).

A evolução do pensamento sobre a criança, traz à tona os termos "crescimento" e "desenvolvimento", que apesar de serem indissociáveis e muitas vezes serem, também, tratados como sinônimos, podem ser discriminados para melhor tratar do tema da adaptação do mobiliário infantil à criança (RIBEIRO, 2012).

O termo "crescimento", tratado do ponto de vista clínico da pediatria, considera os padrões de crescimento - no sentido de desenvolvimento físico - do nascimento até a adolescência, quando "o crescimento somático do organismo é interrompido ao término desta última fase." (SANTOS, 2006, p.9). De acordo com Santos (2006), o crescimento é avaliado de forma quantitativa. A puericultura analisa a variação de peso e altura da criança ao longo do tempo e estes dados são de grande importância para avaliar a saúde da mesma.

Já o "desenvolvimento" se avalia qualitativamente, pois se relaciona às capacidades e evolução na realização de tarefas e à aquisição de novas habilidades. Trata-se do desenvolvimento cognitivo e psicossocial. Ainda segundo Santos (2006), o crescimento e desenvolvimento de uma criança vão sofrer a influência tanto de fatores extrínsecos, como alimentação, estímulos e atividade física, quanto fatores intrínsecos como a genética. A criança pode apresentar um crescimento normal e um desenvolvimento deficitário ou vice-versa devido a doenças, por exemplo. Estes dois conceitos vão afetar distintamente o projeto de design para a criança.

De acordo com Dantas (2012), a década de 1950, no Brasil - em função do adensamento dos centros urbanos - representa um período de grande

desenvolvimento da indústria moveleira. Este desenvolvimento vai influenciar a demanda e a concepção do equipamento de interior residencial, tendo papel importante também no mobiliário infantil.

O levantamento iconográfico feito pela autora identifica, neste período, o surgimento de propagandas em revistas voltadas para o espaço infantil. A motivação para este fato a autora coloca da seguinte maneira:

Nos anos 50, o quarto para as crianças e outros espaços infantis, como sala de jogos e brincadeiras, ganharam espaço nas revistas especializadas da época, talvez motivado pelo investimento em educação em que se empenhava a sociedade naquele momento, e pela adoção do *american way of life* por parte das famílias que viviam nos grandes centros urbanos, estimuladas a cultivar hábitos de consumo, facilmente localizado na oferta de brinquedos, vestuário, calçados e no mobiliário infantil. (DANTAS, 2012, p. 90)

A propaganda da linha de móveis Walt Disney, de 1953 (figura 2), ilustra esta influência norte-americana colocada por Dantas (2012), e sobre a qual a autora sugere que as ilustrações no mobiliário atuam como atrativo às vendas e reforço da marca.



Figura 2: Propaganda de 1953 da Linha de móveis Walt Disney. Fonte: Folha da manhã, *apud* Dantas (2012, p.166).

A preocupação com o desenvolvimento e crescimento da criança já estava presente na concepção dos quartos e de mobiliário desenvolvidos na época. Em especial, a revista Casa e Jardim passa a publicar uma seção chamada "O cantinho da criança", onde são abordadas questões relativas não apenas ao espaço físico da casa ocupado por crianças, mas também, questões emocionais e intelectuais (DANTAS, 2012).

O desenvolvimento de projetos de móveis multifuncionais ou de sistemas modulares começou a ganhar espaço na década de 60 (DANTAS, 2012). Enfatizava-se a necessidade de adaptar o quarto e o mobiliário ao crescimento da criança, por meio de móveis multifuncionais, os quais serviam também para economizar espaço nas residências. Uma propaganda da década de 60 sobre o quarto infantil apresenta um sistema de mobiliário composto por módulos que podem se transformar, atendendo a várias funções e composições. Na reportagem se lê: "(...) é importante que o quarto seja planejado de forma a fornecer as condições adequadas ao desenvolvimento físico, mental e psicológico da criança." (Casa e Jardim, 1960, *apud* DANTAS, 2012, p. 153).

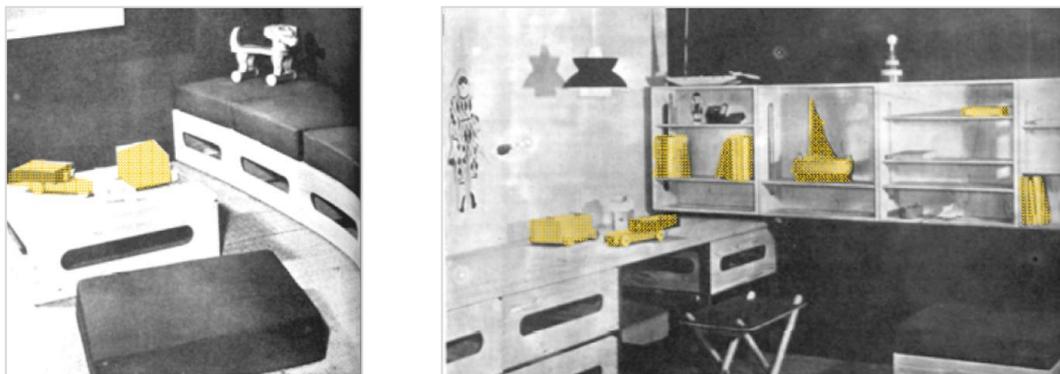


Figura 3: Móvel modular de 1960. A caixa-módulo é leve e pode ser agrupada de várias maneiras para criar novas funções. Fonte: Casa e Jardim, 1960 *apud* DANTAS, 2012.

Contemporaneamente, diversas pesquisas sobre os ambientes ocupados por crianças exploram o efeito de diversos fatores ambientais da casa, não só o espaço físico, no desenvolvimento cognitivo, físico e emocional da criança (BRADLEY *et al.*, 1989; RODRIGUES e GABBARD, 2007; MCKEY-PAZ, 2012). Estas pesquisas concluem que o espaço físico e ambiental da casa pode afetar diretamente todos os aspectos do desenvolvimento infantil.

Algumas pesquisas, sobre o mobiliário infantil, continuam a explorar o desenvolvimento de projetos de móveis que acompanham, exclusivamente, o crescimento da criança (RIBEIRO, 2012). Outras desenvolvem projetos sobre o mobiliário que acompanha o desenvolvimento, com foco no conceito do quarto montessoriano (SZMUK, 2017). Pesquisas sobre os mobiliários multifuncionais e modulares vêm acompanhados do discurso de relevância ambiental.

Enquanto o estudo da antropometria e do crescimento da criança influenciam a produção do mobiliário multifuncional, que tem como objetivo se adaptar ao

desenvolvimento físico da criança, o estudo do desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico também influencia projetos de design infantil, como os móveis lúdicos e modulares.

Diversas pesquisas e literaturas alertam para a importância da brincadeira no desenvolvimento psicossocial e cognitivo da criança. McKey-Paz (2012) sugere que a presença de elementos, estruturas e mobiliário no ambiente residencial, que estimulem a brincadeira, pode evitar que as crianças se tornem ansiosas e socialmente instáveis. A compreensão da brincadeira como parte importante para o desenvolvimento saudável da criança, pode levar à idealização e construção de móveis que promovam atividades físicas, de desenvolvimento psicomotor e também, que estimulem o raciocínio. Os móveis modulares, por exemplo, além de facilitarem rearranjos espaciais e a adaptação corporal, também podem ser pensados para auxiliar no desenvolvimento cognitivo, na medida em que recorrem às habilidades do usuário para a sua montagem e composição.

Atualmente, o estudo da ergonomia também é de extrema relevância para o desenvolvimento do mobiliário infantil. Algumas pesquisas enfocam as melhorias nas condições de segurança, pelo estudo de ergonomia do mobiliário para esta faixa etária (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

A ergonomia vai reunir no design final de um produto, simultaneamente, resultados de pesquisas de diversas áreas do conhecimento, tais como, a antropometria, a psicologia do desenvolvimento, a fisiologia e o design. De acordo com Iida e Guimarães (2016), todos os produtos, do ponto de vista ergonômico, devem ter as seguintes qualidades para que funcionem bem em sua interação com o usuário: a qualidade técnica, referente à eficiência no funcionamento do produto, facilidade de limpeza e manutenção; a qualidade ergonômica, referente à adaptação antropométrica, facilidade de manuseio, itens de conforto e segurança; e a qualidade estética, referente à combinação de formas, cores, materiais e texturas.

Ao se fazer a adaptação ergonômica de produtos para o uso doméstico, diferentemente de produtos usados em empresas, é considerado o manuseio dos objetos (produtos) por usuários que não foram treinados para sua operação, entre elas crianças, idosos ou portadores de necessidades especiais (IIDA e GUIMARÃES, 2016). O projetista, no processo de desenvolvimento do produto deve examinar as características e perfil deste tipo de usuário; analisar as atividades realizadas e a interação com o produto; testar a interface com o usuário; para então

definir as características do produto.

Profissionais de design de produtos para a infância, como é o caso do mobiliário infantil, preocupados com a ergonomia e segurança, buscam desenvolver produtos que incluam não somente a segurança, o bem-estar e desenvolvimento da criança, mas também o conforto e facilidade de manuseio do equipamento pelo adulto. Muito comum, atualmente, os berços possuem grades removíveis para auxiliar na manipulação do bebê, e estrados que podem ser baixados progressivamente com o crescimento da criança. Em uma pesquisa sobre um berço ergonômico, Oliveira *et al.* (2012) identificam principalmente a necessidade de se atender às normas de segurança para este tipo de mobiliário.

Normas de segurança para a produção de mobiliário infantil, foram formuladas a partir de estatísticas relacionadas ao índice de acidentes ocasionados por falhas de projetos de berços (OLIVEIRA *et al.*, 2012). As normas da ABNT (NBR 15860-1:2016) juntamente com o regulamento do INMETRO (2016) levaram ao estabelecimento de requisitos e critérios bastante específicos para a produção deste tipo de móvel. As normas definem parâmetros para a escolha do tipo e resistência do material, dimensões e acabamentos adequados, entre outras regras, as quais levam à conformidade atual no design de berços.

As ideias até aqui apresentadas nos levam a concluir que, no que se refere à produção material para o público infantil, fica evidente a contribuição das pesquisas nos diversos campos do conhecimento para a produção de um design diferenciado. Pode-se concluir que a cisão entre infância e vida adulta, as subdivisões da infância em fases de desenvolvimento e crescimento, acabaram por se tornar oportunidades de novas categorias de produção e consumo. As especificidades produzem nichos singulares de onde brotam novas “necessidades”, o que se reflete na produção de um design de móveis diferenciado para o público infantil e que vem se diversificando e se especializando cada vez mais.

2.2.

O mobiliário e a composição do quarto infantil

É necessário ressaltar que o processo de construção do quarto infantil não é homogêneo em nossa, diversa e desigual, sociedade brasileira. O presente estudo dá ênfase à cultura dos objetos do quarto infantil, propagandeada e estimulada pelo que é, contemporaneamente, produzido para o consumo deste ambiente.

Hoje, o que se observa, a partir do mobiliário ofertado pelas principais lojas de mobiliário infantil do Rio de Janeiro, é uma padronização que enfatiza essa divisão do quarto infantil em diversas fases. Esse padrão é expressado pela variedade de mobiliário ofertado.

A partir do levantamento feito em lojas e sobre fabricantes de móveis para o quarto infantil, para a cidade do Rio de Janeiro, identificou-se os principais tipos de móveis à venda, atualmente, para o quarto do bebê e da criança. Nesta pesquisa, os tipos de equipamentos encontrados foram divididos pelas suas funções de uso (práticas): repouso, guarda, apoio e assento, como ilustrado na Tabela 2.

Repouso	Guarda	Apoio e assento
Moisés, Miniberço, Berço acoplado à cama, Berço simples, Montessoriano, Berço multifuncional, Berço para gêmeos, Minicama, Minicama montessoriana, Bicama, Beliche, Beliche multifuncional, Cama lúdica	Cômoda, Armário infantil, Armário comum	Poltrona de amamentação, Cadeira de balanço, Mesinha e cadeirinha, Escrivadinha e cadeira

Tabela 2: Mobiliário do quarto infantil de acordo com sua função prática. Fonte: Autora

Essa tabela evidencia a grande variedade de opções de móveis destinados somente ao repouso da criança, por exemplo. Para os outros tipos de móveis as variações observadas foram majoritariamente estéticas e não de função prática. As mesinhas e cadeirinhas infantis apresentam, em suas composições, grande variedade de formas, materiais e cores. Os armários para quartos infantis trazem, como característica dominante, dimensões reduzidas, quando comparados aos armários tradicionais para adultos. A vara para cabide é situada em altura mais baixa e ocupa menos espaço, priorizando-se, assim, a presença de prateleiras internas. As gavetas costumam ser em menor quantidade e próximas ao chão. Da mesma maneira, algumas cômodas têm uma porta com um cabideiro posicionado ao alcance da criança. As poltronas de amamentação apresentam pouca variação estética, a não ser quando os projetos e propagandas das lojas sugerem poltronas que não foram fabricadas para a finalidade de amamentar especificamente. Em sua maioria são de cor branca, de grandes dimensões e de tecido sintético.

Outra característica típica dos móveis infantis é a presença de temas e/ou elementos que os assemelham a brinquedos. Este tipo de mobiliário foi classificado, nesta pesquisa, como móvel lúdico (figura 4). A eles podem ser acrescentados:

escorregas, escadas, cabanas, tendas, telhados, estruturas de casinha ou de carro, entre outros. Ou podem ser caracterizados com temas ou personagens conhecidos de fábulas, desenhos animados e filmes. Algumas lojas acabam por fazer uma diferenciação por gênero, ofertando, por exemplo, camas para meninos ou meninas de acordo com o tema, cor ou personagem.



a) Exemplo de móvel-brinquedo



b) Exemplo de móvel temático

Figura 4: Tipos de móveis lúdicos. Fonte: a) <https://intercasamoveis.com.br/cama-multi-safari-escada-escorrega>. b) <http://www.puramagia.com.br/meninos-cama/carros-disney>

A Tabela 3, reúne os dados coletados relativos ao mobiliário e suas características, de forma comparativa entre as lojas pesquisadas. As linhas destacadas em amarelo identificam características comuns a todas as lojas.

Verificou-se na pesquisa que as lojas que comercializam móveis infantis na cidade do Rio de Janeiro são revendedoras, muitas vezes, dos mesmos fabricantes de mobiliário e acabam por ofertar os mesmos móveis. Foram contabilizados, no total, 36 fabricantes. Estes fabricantes, por sua vez, ampliam sua produção a partir do desenvolvimento de linhas diversificadas de mobiliários.

Foram identificadas, no total, 136 linhas de móveis infantis. Estas linhas podem ser compreendidas como estilos ou coleções. A diferença entre a grande variedade de linhas, quando não é referente exclusivamente à função prática do móvel, se concentra em pequenas variações estéticas de forma, cor e materiais empregados.

As linhas compreendem um conjunto de móveis que apresentam as mesmas características formais. Estes conjuntos de móveis são formados em sua totalidade por berço e cômoda. Algumas linhas ainda incluem, no conjunto, a minicama e o armário de mesmo “estilo”. Entre os estilos, pode-se destacar algumas linhas que,

de fato, buscam inspiração estética em estilos do passado, como as chamadas de “Clássica”, “Provençal” (apresentam linhas mais curvas e pernas cabriolés, por exemplo), e “Retrô” (um retorno ao móvel com pés palito, moderno orgânico, da década de 50).

Itens e Características	Lojas								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Berço	X	X		X	X	X	X	X	X
Miniberço	X					X		X	
Berço fases	X	X	X	X					
Berço minicama	X	X	X	X		X	X	X	X
Berço montessoriano		X		X					X
Berço multifuncional	X	X	X	X		X	X	X	X
Berço gêmeos			X				X		
Minicama	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cama Montessoriana	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Bicama	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Beliche		X			X	X	X		
Beliche multifuncional	X	X			X	X	X	X	
Cômoda	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Guarda-roupas	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Poltrona amamentação	X	X	X	X		X	X		X
Mesinha e cadeirinha		X		X	X	X		X	
Móvel brinquedo	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Móvel temático				X		X	X		
Cor predominante	B	B	B	B/M	B	B	C	C	P
No de linhas de berço	26	20	40	21	2	9	8	4	15
No de linhas de camas	14	16	37	10	15	11	9	6	2
Sugestão de ambiente	X	X			X		X	X	X
Projeto exclusivo							X	X	X
Fabricação própria	X	X		X	X	X	X	X	
Revendedor	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Legenda: X – Presença do item na loja; B – Cor Branca; M – Madeira; C – Colorido; P - Tom pastel									

Tabela 3: Características dos móveis das lojas de mobiliário infantil pesquisadas. Fonte: Autora

Além das variações entre as linhas, algumas delas apresentam o mesmo móvel em diversas cores ou em madeira natural. Porém, a cor predominante do mobiliário infantil é branca. As lojas que executam projetos exclusivos são as que apresentam design de móveis de maior diversidade de cores, variedade estética e funcional.

Em função das normas de segurança e certificações ambientais, os materiais empregados na estrutura do mobiliário infantil são, predominantemente, a madeira maciça e MDF, além de acabamentos em laca ou tinta atóxica.

A partir dos dados na tabela 3 foi possível constatar que todas as lojas pesquisadas vendem os seguintes móveis: berço, minicama, cama montessoriana, bicama, cômoda e armário. Elas também ofertam algum tipo de móvel lúdico, cujas características se apresentam, principalmente, em minicamas, beliches e armários.

2.3.

Padrões de mobiliário e de composições do quarto infantil

A partir da análise do levantamento e da literatura observou-se a presença dos seguintes padrões no design do mobiliário infantil e na composição do quarto:

- Tipos de móveis considerados essenciais;
- Ampla variedade estética;
- Quarto montessoriano;
- Móvel lúdico;
- Móvel multifuncional e modular.

Os padrões de móveis acima apontados se refletem na composição do quarto infantil, como será visto a seguir.

Tipos de móveis considerados essenciais

O fato de alguns móveis serem ofertados por praticamente todas as lojas e fabricantes pesquisados, pode significar que estes sejam considerados essenciais para o quarto infantil. Atualmente, a partir do levantamento seriam estes: o berço, a minicama ou cama montessoriana, a bicama, a cômoda, o armário e a poltrona. Os sites reforçam esta ideia, advertindo o consumidor com dicas do que não pode faltar no quarto do bebê ou da criança, além de mostrarem estes tipos de móveis em imagens que sugerem composições de ambientes (figura 5).



Figura 5: Exemplo de composição de ambiente sugerido pelo site da loja. Presença de berço, minicama, cômoda, armário e poltrona. Fonte: <https://www.georgiababy.com.br>

Herdamos e preservamos esta concepção de composição de quarto infantil, ao menos, desde um passado próximo, visto que estes conjuntos também foram considerados essenciais na pesquisa de Dantas (2012), sobre a década de 1950.

As propagandas e fornecedores de mobiliário contribuem para a sua divulgação e manutenção no mercado vigente.

O berço, possivelmente o primeiro lugar/ambiente explorado pela criança fora do útero materno, talvez seja o primeiro tipo de móvel desenvolvido especialmente para a criança. Atualmente, o berço ainda é uma preferência, embora haja uma grande oferta de camas montessorianas e uma crescente cultura de cama compartilhada entre responsáveis e bebês.

É generalizada a ideia de que, por questões práticas para o adulto, o berço deva ser elevado para facilitar a manipulação do bebê. Além disso, acredita-se também que manter o bebê distante do chão seja melhor para a sua saúde. Porém, essa altura elevada requisita grades que "aprisionam" a criança para que não tente sair nem caia do berço. Conforme a criança cresce, o estrado do berço vai sendo regulado em posições cada vez mais baixas, pelo mesmo motivo.

Segundo Van Slyck (2004), originalmente, a elevação, presente tanto no berço, quanto em outros equipamentos para crianças pequenas, como o cadeirão de alimentação com mesa integrada, foi uma contribuição da época Vitoriana que tinha como objetivo manter a criança “controlada”. Eram mecanismos para “(...) introduzir a criança no mundo do adulto enquanto excluía qualquer possibilidade de que a criança pudesse perturbar aquele reino bem ordenado.” (VAN SLYCK, 2004, p. 72). A elevação não tinha relação necessariamente com praticidade ou higiene, ela marcava simbolicamente a importância da criança ao torná-la visível e foi essencial para reforçar sua imagem angelical – imagem esta que dificilmente condiz com a realidade deste novo ser que precisa estar física e sensorialmente explorando o mundo². Estes objetos, ao restringir a movimentação da criança, permitiam que o adulto interagisse com ela, porém, mantendo um contato físico mínimo. Como exemplo desta tendência vitoriana - de se colocar a criança em exibição -, a autora descreve um berço tão ornamentado que se assemelha a um trono (figura 6a). Esta tendência se perpetuou e se popularizou. O berço Thonet

² De acordo com Yi-Fu Tuan (2015), a criança explora e estrutura o seu ambiente através de todos os sentidos: paladar, olfato e tato, antes mesmo do olhar se fixar em objetos e discriminar suas formas. Daí a importância da sua liberdade motora e contato físico, por exemplo, com a sua mãe, seu primeiro “lugar”.

(figura 6b), de linhas mais languidas, apesar de menos rebuscado, manteve a elevação e o conceito de proteger algo precioso, e sua produção em massa tornou "os apetrechos de adoração ao herdeiro disponíveis para a classe média" (VAN SLYCK, 2004, p.73)



a) Berço da família Colt, Connecticut, 1857.



b) Berço Thonet, c.1870

Figura 6: As imagens exemplificam a tendência vitoriana de se colocar o bebê em exibição.
 Fonte: a) Van Slyck (2004) b) https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ngv,_Gebr%C3%Bcder_Thonet,_culla,_1870_circa.JPG

Outra característica aparentemente essencial, atualmente, é o fato da mobília ser predominantemente branca ou de tonalidades claras. A cor branca está vinculada à uma imagem imaculada da criança, mas também, a questões de higiene e à esterilidade do quarto do bebê, que pode lhe promover saúde.

Ampla variedade estética

Em relação à estética, Dantas (2012) constatou, no mobiliário da década de 1950, a influência dos padrões ornamentais de móveis de estilo e uma outra gama de móveis que seguiam as linhas modernas, próprias da década estudada. Era comum também que o mobiliário formasse conjuntos com estas mesmas características estéticas. Em termos estéticos, identifica-se no mobiliário atual a reprodução das mesmas soluções formais dos anos 50: uma busca pelo retorno de móveis de estilos, e outros de linhas modernas, consideradas mais retas e funcionais. Esta última solução formal, no entanto, é considerada hoje estilo “retrô”, mas, de fato, praticamente todas as linhas ofertadas buscam um retorno a algum estilo. Normalmente, se adquire os móveis em conjunto de um mesmo estilo ou

mesma linha.

Apesar de alguns estilos parecerem bastante distintos uns dos outros, ao se analisar todas as linhas oferecidas, percebe-se que a maioria apresenta apenas pequenas variações de um mesmo conceito sobre a forma de compor o quarto (figura 7).



a) Linha realza provençal

b) Linha eco

c) Linha farm

Figura 7: Variação estética entre as linhas. Fonte: a) <http://www.kidsbaby.com.br>
b) <http://www.ciadomovel.com.br> c) <https://www.ameisedesign.com.br>

O que nos parece, a princípio, uma enorme diversificação criativa, representada pelas mais de 130 linhas de estilos, são somente variações estéticas presentes em pequenas mudanças formais (figura 7). Não há expressiva variação conceitual. Observam-se formas mais arredondadas, outras mais retilíneas, elementos decorativos mais ou menos sinuosos, a presença ou ausência de capitonê ou palhinha, variação da espessura das grades, que podem ser retilíneas ou torneadas. Associadas a estas características, são oferecidas várias opções de cores para algumas das linhas. Diante de todas estas opções, são inúmeras as possíveis composições para a escolha do cliente. Ainda assim, há demanda por projetos sob medida que atendem com exclusividade os desejos das crianças e dos adultos.

Dada a vasta gama de opções, porque haveria, então, a necessidade de projetos exclusivos? Será que essas opções não atendem às necessidades dos clientes? De acordo com Forty (2007), a variedade de designs proporciona aos consumidores um grau de escolha que lhes dá um sentimento de mais segurança quanto à sua individualidade.

A crença de que as posses incomuns ou únicas dotam de individualidade seus donos é uma ilusão que foi cultivada durante muito tempo. Esse aspecto do fetichismo da mercadoria derivou presumivelmente da prática aristocrática de colecionar relíquias (...), mas é um mistério como os bens manufaturados, jamais únicos por natureza, chegaram a ser considerados desta mesma forma. (FORTY, 2007, p. 119)

O problema da tendência em comprar conjuntos da mesma linha, é que os móveis se tornam obsoletos também em conjunto. A compra do conjunto se torna mais uma razão para o desejo de se renovar todo o quarto e não apenas o objeto que perdeu a função prática.

Quarto montessoriano

O mobiliário descrito anteriormente como essencial se enquadra aqui no conceito de quarto “tradicional”. Tradicional, pois estas composições, com ênfase no berço, minicama, cômoda e armário, ainda são as mais ofertadas no mercado.

Paulatinamente, outras concepções de quarto vêm surgindo recentemente, e que ainda podem se tornar tradições: como o berço acoplado à cama de casal, para o recém-nascido; ou a rede de balanço que se adapta ao berço (mas que ainda são opções pouco ofertadas em lojas). No entanto, a identificação da oferta de camas montessorianas (figura 8) em todas as lojas, pode indicar que o conceito de quarto montessoriano passou a ser considerado pelos designers e fabricantes de mobiliário infantil. Apesar do conceito de quarto montessoriano já ser bastante antigo, segundo alguns fornecedores este formato de cama - com estrado e colchão no chão - apareceu nas lojas há aproximadamente três anos³.



Figura 8: Cama montessoriana com estrutura de casinha. Fonte: <http://www.sleeper.com.br>

³ Uma das lojas pesquisadas afirma ter sido a primeira empresa brasileira a produzir camas infantis utilizando o método de Montessori, em 2016. (Fonte: <https://www.casatema.com.br/quarto-montessoriano/cama-montessoriana?PS=18>).

A recomendação de Montessori (1912) de se colocar o colchão no chão é para que a criança tenha liberdade para desenvolver suas habilidades motoras naturalmente, de acordo com seu próprio tempo. A cama no chão lhe permite escolher a hora de descansar e se movimentar com independência, na medida em que suas estruturas corporais e mentais se encontram prontas para cada nova habilidade. Logo, para a autora, a partir dos seis meses de idade, o berço é desnecessário, podendo-se transferir a criança para o colchão no chão.

É curioso notar, no entanto, que o substantivo “montessoriano” se tornou sinônimo de uma cama com estrutura de casinha (figura 8). Um indício disto é a existência, também, de “berço montessoriano”, que nada mais é que um berço tradicional com estrutura de casinha, pois pode ser transformado em minicama montessoriana. Porém, o design da estrutura de casinha da cama montessoriana parece ser mais uma estratégia de design para agregar valor a um colchão disposto no chão. Esta estrutura, possivelmente, foi essencial para a aceitação pelo consumidor, a esta “nova” forma de conceber o quarto, tendo em vista que pode haver resistência em se colocar a criança para dormir num colchão no chão.

Percebe-se, assim, que o método de Montessori pode não estar sendo usado conforme seu conceito, mas sim por uma questão de marketing e estímulo a vendas, visto que atualmente pode-se encontrar, inclusive, anúncios que utilizam o adjetivo ‘montessoriano’ para cama de animais de estimação (figura 9).



Figura 9: Imagem de anúncio de “cama montessoriano para cão e gato”.

Fonte: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1089953078-cama-montessoriano-branco-para-cao-e-gato>

As sugestões de Montessori foram essenciais para o ambiente escolar. Adaptar o espaço e o mobiliário às crianças faz todo sentido num ambiente que está sempre recebendo novos alunos de mesma faixa etária, pois para este estabelecimento, a criança “não cresce”, o que favorece a sua adaptação sem gerar a necessidade de mudança frequente.

No entanto, o espaço residencial precisa estar em constante transformação para atender a este pressuposto, a não ser pela cama. Ao contrário do que ocorre com as recomendações para o restante do mobiliário, a sugestão de Montessori de se colocar a cama no chão não especifica que o colchão deva ser pequeno, mas apenas ao alcance da criança. Sendo assim, o colchão poderia ser o mesmo por toda a infância, a partir dos 6 meses de idade. Portanto, o método de Montessori, quando compreendido em sua totalidade, no que se refere à cama, se revela uma boa estratégia para redução dos impactos ambientais e econômicos causados pelo consumo sequencial de berço, minicama e cama, por exemplo.

Mas apesar da crescente oferta de camas montessorianas no mercado atual, ainda se percebe uma resistência ao uso desta cama da forma como foi originalmente proposta pelo método. Pode-se considerar este um indício de que pode ser mais um modismo, e modismos tendem a ser temporários e levar à obsolescência.

O móvel multifuncional e modular

A multifuncionalidade do móvel infantil é mais comumente explorada nos equipamentos de repouso (miniberços, berços, camas e beliches). Neste sentido, são diversas as soluções para o berço, por exemplo, móvel que costuma ter curto tempo de uso. O berço multifuncional é aquele que apresenta a possibilidade de se transformar em outros tipos de móveis com a mesma ou outras funções práticas (figura 10). Desta forma, o projeto busca: acompanhar o crescimento físico da criança, possibilitando a extensão da vida útil do produto; a redução do espaço ocupado no quarto, em alguns casos, e, possivelmente, economia financeira para o consumidor.

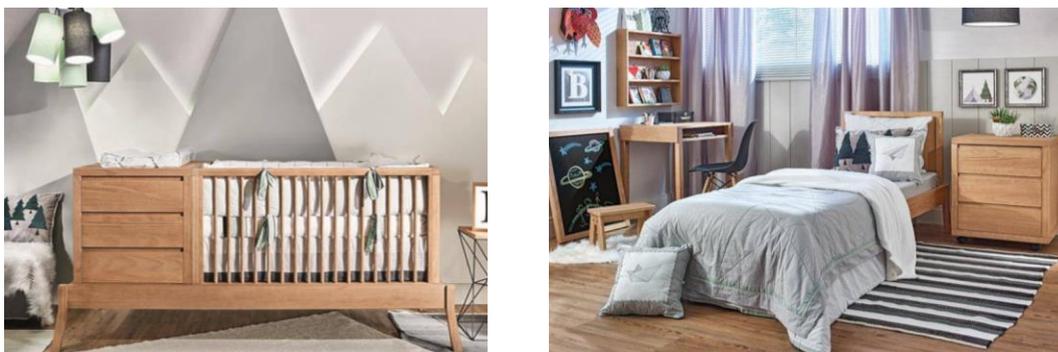


Figura 10: Berço multifuncional. Tem sua vida estendida pois seus componentes podem ser realocados para formar um quarto para criança maior.

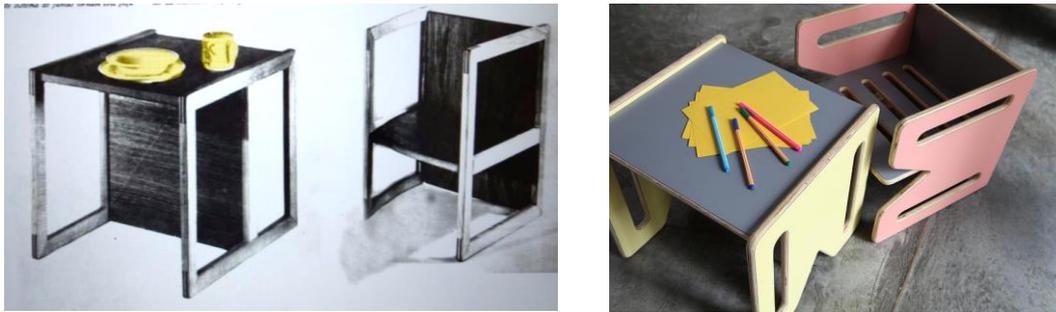
Fonte: <http://www.lzmini.com.br/produtos/Berco-Multifuncional>

No entanto, são raros os anúncios e propagandas, sobre o móvel multifuncional, que expõem a extensão da vida do mobiliário como uma característica favorável à redução do impacto ambiental. O berço da figura 10 é uma das poucas exceções, cujo anúncio fornece informação sobre a forma de produção sustentável. Na propaganda lê-se:

O Berço Multifuncional é um produto moderno e inovador que foi desenvolvido para pais que necessitam otimizar o espaço do quarto do bebê! Com design moderno, é extremamente funcional e valoriza o consumo sustentável. É composto por madeira maciça reflorestada, materiais não tóxicos e ainda é certificado pelo INMETRO. (Disponível em: <http://www.lzmini.com.br/produtos/Berco-Multifuncional>. Acesso em 27/06/2019)

Apesar desta solução criativa visar uma economia de espaço e a sustentabilidade, estes designs são soluções para um problema criado pela própria concepção de que a cama, por exemplo, precisa ser tão pequena quanto a criança.

Este tipo de mobiliário não é, como apregoado, uma inovação atual. Na década de 60, o desenvolvimento e a valorização de móveis multifuncionais (figura 11a) já estava presente em função de uma busca por economia de espaço e adaptação ao crescimento. Também já se ofertavam sistemas de mobiliário modular, de módulos leves e multifuncionais. Os modulares, associados à concepção de que o ambiente da casa pode auxiliar no desenvolvimento da criança, apresentavam designs com esta proposta (figura 3). Este tipo de mobiliário de sistemas modulares, na atualidade, é mais facilmente encontrado em projetos de quartos criados de forma exclusiva.



a) Mesa-cadeira infantil, em madeira, 1960

b) Mesa-cadeira infantil, em madeira, 2018

Figura 11: Mobiliário multifuncional. A mesma ideia de mesa que vira cadeira em 2018 e em 1960. Fonte: a) Casa e Jardim, 1960, n.62, p.46-47, *Apud* DANTAS (2012) b) <http://www.projetodegente.com.br/portfolio/linha-maria-joaquina-2/>

Mesmo os móveis modulares e multifuncionais podem estar sujeitos à obsolescência. De acordo com Soares (2012), mesmo com a possibilidade de extensão do uso, o fim da vida do mobiliário modular ou multifuncional, ainda é o descarte.

Valorização do móvel lúdico

A partir do momento em que a criança passa do berço à cama, para esta nova fase, começam a proliferar opções de móveis lúdicos. A presença do móvel lúdico aponta para um design cujo foco está na ideia que se faz da criança e não mais somente na praticidade do mobiliário para o uso pelo adulto. A atividade de brincar parece ganhar destaque. Os móveis que investem nesta concepção são de dois tipos, conforme classificados nesta pesquisa: o móvel-brinquedo e o móvel temático.

Dentre os móveis-brinquedo, o que se observa são, basicamente, estruturas de casinhas, cabaninhas, escorregas e camas em forma de carro.

Entre os móveis temáticos pré-fabricados, que apelam para o universo infantil, encontram-se basicamente personagens de desenhos animados e filmes. Os personagens acabam por levar a uma diferenciação de gênero na composição do quarto. Abundam as camas de princesas ofertadas para meninas e personagens considerados masculinos - como “McQueen”⁴ - para meninos, o que torna os quartos ainda mais especializados.

Nos grandes centros urbanos, a redução das residências, o surgimento dos prédios de apartamentos, e a ausência de quintal, limitaram o espaço de brincar da criança, e principalmente, passou-se a evitar a brincadeira de rua por questões de

⁴ Personagem do filme de animação Carros, produzido pela Pixar Animation Studios em 2006.

segurança. O quarto infantil passa então a tentar incorporar todo tipo de brincadeira, inclusive as de *playground*. Pois no quarto há vigilância e segurança. Concomitantemente, tem-se o crescimento da cultura de consumo de massa, a produção industrial de brinquedos e o estímulo ao consumo destes objetos, que também tem reflexo na composição do quarto. Este precisa de espaço e mobiliário para armazenar uma quantidade, normalmente, excessiva de objetos.

Apesar disso, o que se observa a respeito do design do móvel lúdico, em lojas, é, de forma geral, uma criação padronizada, onde se repetem quase sempre as mesmas ideias, influenciadas por modismos.

Assim como o excesso de estímulo gerado pela maioria dos brinquedos industrializados, os móveis lúdicos seduzem a criança, mas, muitas vezes, por pouco tempo. Diferente dos móveis modulares, a maioria dos móveis lúdicos possui formas que permitem pouca ou nenhuma variação. São, por exemplo, formas que permitem apenas o que foi pensado pelo designer, não deixando a criança livre para transformar a estrutura usando sua própria imaginação. Em uma propaganda sobre a cama-escorrega nota-se a intenção ao estímulo da criatividade, mas também a rigidez da proposta.

Moderna e divertida, a Cama com Escorregador é a cama infantil dos sonhos! (...) O escorregador e a escadinha são reversíveis: podem ser montados do lado esquerdo ou direito. Para melhorar o aproveitamento do espaço inferior do móvel, que tal montar um cantinho de brincar?! Além de otimizar o ambiente, estimula a criatividade da criança com uma decoração multifuncional e lúdica. (Disponível em: <https://www.graodegente.com.br/cama-infantil-1/cama-com-escorregador-branco>. Acesso em: 27/06/2019)

O principal problema dos móveis lúdicos, em especial os temáticos, é que se tornam obsoletos ainda mais rapidamente, se comparado a velocidade de troca usual de mobiliário estimulada pelo crescimento físico da criança. Atualmente, o ritmo acelerado com que surgem novos personagens e o estímulo ao consumo direcionado ao público infantil, somados à velocidade do crescimento da criança, fazem com que quartos muito temáticos sejam ainda mais temporários.

2.4. Conclusões do capítulo

A julgar pelo mobiliário ofertado e pelas sugestões de ambientes, é possível distinguir três tipos de quarto: o quarto do bebê, o quarto de criança pequena e o

quarto de criança maior, que correspondem, respectivamente e aproximadamente, às fases, de 0 a 2 anos; de 2 a 6 anos e de 6 aos 12 anos.

Considerando as fases acima definidas, o mobiliário que é escolhido para compor cada fase do quarto reflete a preocupação em se adequar, em primeiro lugar, o equipamento de repouso ao tamanho físico da criança, e por isso a cama acaba por precisar “crescer” à medida que a criança cresce. Dessa forma, logicamente, quanto mais se restringe o mobiliário a uma fase, menor tempo de uso ele terá. O impacto econômico desta necessidade de mudança será sentido pelo consumidor, já o impacto ambiental talvez não seja uma característica muito sentida pelo mesmo, visto que a cultura e o desejo de compor o quarto em fases, à medida que a criança cresce, são recorrentes em nossa sociedade.

Em função de uma demanda por economia – seja de espaço, tempo ou financeira-, multiplicam-se as ofertas, por parte dos fabricantes, de mobiliário do tipo multifuncional. Os móveis multifuncionais são projetados para se adaptar a estas transformações no crescimento da criança, permitindo que se estenda ao máximo a permanência deste móvel no quarto.

O mobiliário produzido busca atender a forma como hoje se considera o desenvolvimento da criança. O que o design produz, segundo Forty (2007), revela como os designers e fabricantes enxergam a sociedade, e por sua vez também contribuem para sedimentar comportamentos.

A pesquisa que embasa o presente capítulo mostrou que a partir dos padrões levantados, o design de mobiliário infantil variou conceitualmente muito pouco no último século. Em termos estéticos, a apropriação de estilos passados para a decoração se perpetuou desde a década de 50, e os móveis de estética mais contemporânea também buscam inspiração no modernismo da década de 50 e 60. O quarto do bebê permanece, em sua essência, tradicional, com a manutenção do uso dos mesmos tipos de móveis usados no século passado e a ideia de composição com peças de mobiliário de mesma linha.

A busca por economia financeira e espacial também permaneceu, e a adoção de móveis multifuncionais vêm para resolver o problema da “necessidade” de se atender às diversas fases da criança em constante crescimento. Ou seja, a diferenciação no design para atender as diferentes fases diagnosticadas pela nossa ideia de infância, é vantajosa para o mercado de mobiliário infantil. A presença de personagens de desenhos animados estampados no mobiliário, que também não é

uma inovação da nossa década, reforça a influência da mídia, e são menos um estímulo à imaginação e à fantasia do que à produção e às vendas.

Porém, a pesquisa evidencia também a relevância dos estudos sobre a criança para que se promova mudanças conceituais sobre o mobiliário, como é o caso da cama montessoriana. Independente de se compreender a fundo o método de Montessori, a simples adoção desta cama, no lugar do berço, trará consequências ao desenvolvimento da autonomia da criança.

Percebemos então a forte "crença" em, pelo menos, três fases da infância que se refletem na composição do quarto: a primeira imaculada e protegida, no qual se faz, predominantemente, o uso do berço alto com grades; a segunda de maior autonomia e uso do espaço para brincadeiras facilitado pelo uso da minicama, cadeirinha, mesinha, e móveis lúdicos; e a terceira, na qual as dimensões ampliadas, o desenvolvimento cognitivo e a alfabetização da criança começam a modificar o uso do espaço. A minicama aumenta, podendo virar beliche ou bicama, para acomodar agora os amigos, e a mesinha dá lugar à escrivaninha, para realização de trabalhos escolares, por exemplo.

A partir do levantamento feito neste capítulo pode-se constatar que a atual produção de mobiliário infantil, quando apresenta alguma preocupação com questões de sustentabilidade e ecoeficiência, está, geralmente, restrita ao uso de madeiras certificadas e à produção de móveis projetados para ter sua vida estendida, como o caso dos móveis multifuncionais e modulares. No entanto, as pesquisas na área de design e sustentabilidade vêm apresentando novas abordagens e soluções no campo da produção e consumo ecoeficiente e sustentável. O capítulo seguinte apresenta o serviço ecoeficiente como possibilidade para se alcançar estes objetivos no campo da produção e do consumo.